

A força da Palavra em uma sociedade de não escuta. A importância da Palavra de Deus à evangelização a partir de José Comblin

Anderson Frezzato ¹

Resumo: A ação evangelizadora da Igreja tem por fundamento levar Jesus a todas as pessoas. O contexto atual é muito desafiante para a ação evangelizadora. Vivemos numa sociedade pouco afeita à escuta, mormente do Evangelho. A Igreja jamais deixou de utilizar a Sagrada Escritura para a evangelização, pois se trata da Palavra do próprio Deus. A Palavra é, essencialmente, um instrumento para a evangelização do Povo de Deus. Nesse sentido, propomos refletir a importância da Palavra de Deus à luz da reflexão de José Comblin. Para o desenvolvimento das ideias, tomaremos como referencial a obra combliniana intitulada *A força da Palavra*. O referido autor foi um sacerdote, teólogo belga, radicado no Brasil, e soube viver e refletir sobre a Palavra de Deus no contexto da realidade brasileira. Comblin afirma que a Palavra possui força própria por ter sua origem e vivacidade em Deus. A Palavra jamais muda. O que muda são os diversos contextos históricos nos quais a Palavra é anunciada. O tempo atual é mais um contexto com suas peculiaridades, em que a Palavra é anunciada e experimentada. A ação evangelizadora eficaz é aquela que, então, não desprezando o contexto cultural de cada tempo, procura dialogar com todos, sem perder sua força. Em tempos passados, a ação evangelizadora da Igreja encontrou muitos desafios como os de hoje. Quem ouve atualmente a Palavra em nossa sociedade tão marcadamente caracterizada como uma sociedade de não-escuta? Diante de tantas vozes, para muitos a Palavra de Deus não tem importância para suas vidas. Nesse sentido, a Sagrada Escritura deve ser proposta como lugar do encontro com Deus. Não se trata de persuasão e convencimento. É chamado à escuta e para, posteriormente, adesão à fé e pertença sólida à comunidade dos ouvintes e praticantes da Palavra.

Palavras-chave: Força da Palavra; Escuta; Evangelização; José Comblin

INTRODUÇÃO

O Papa João Paulo II, na Exortação pós Sinodal *Ecclesia in America*, sinalizou que é de fundamental importância convidar as pessoas a descobrir na vida de Jesus o modelo perfeito para a ação evangelizadora (EA, n.67). Esse convite não é feito às pessoas de fora da Igreja, é remetido especialmente as que fazem parte da comunidade de fé. A essas pessoas cabe a tarefa de anunciar a Boa-Nova e de testemunhar por palavras e obras a vida em Cristo. A tarefa evangelizadora da Igreja deve ser senão continuidade da ação evangelizadora de Jesus. Quem lê atentamente os Evangelhos percebe que Jesus evangelizava por palavras e obras. Há um acento maior nas palavras que são reveladoras do amor do Pai e que se tornam concretas em obras de aproximação do outro.

Um dos grandes percalços da ação evangelizadora de Jesus foi falar a uma sociedade pouco disposta a escutar e pouco desejosa de praticar o que se ouviu. De fato, esse contexto

¹ Doutorando em Teologia pelo Programa de Pós-graduados em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Teologia pela PUC-SP. Graduado em Teologia e Filosofia pela PUC-Campinas. Membro do Grupo de Pesquisa José Comblin (PUC-SP). *E-mail:* afrezzato@gmail.com

da vida evangelizadora de Jesus não é nada diferente do nosso contexto. Também nossa sociedade está pouco disposta a ouvir com atenção e tempo o que o outro tem a dizer. As relações estão sob suspeita; a comunicação está se tornando cada vez mais superficial. A Igreja está imersa nessa realidade. De tantos modos, se encontra ainda um pouco tímida em sua ação evangelizadora pelo fato de ter distanciado sua palavra da Palavra de Deus. Nesse sentido, refletindo sobre a ação evangelizadora da Igreja, que deve pautar-se pelo anúncio de Jesus através da comunicação da Palavra de Deus, José Comblin escreve o livro *A força da Palavra*, mostrando que em uma sociedade de não escuta a Palavra de Deus não perde sua força e vivacidade, pois é mantida pelo próprio Deus.

Propomos refletir, neste trabalho, a importância da Palavra de Deus destacando sua força na ação evangelizadora da Igreja, contando como referencial teórico as assertivas do teólogo belga, radicado no Brasil, José Comblin. Como método lançaremos mão de seus pensamentos registrados na obra já referenciada, bem como mantendo diálogo com outros pensadores sobre essa temática. Para tanto, dividiremos nosso trabalho em duas partes: na primeira, mostraremos os elementos que denotam a importância da Palavra de Deus para ação evangelizadora da Igreja; na segunda parte, discutiremos sobre a força da Palavra de Deus anunciada na sociedade contemporânea, marcada por sua postura de não escuta, mormente quanto ao discurso religioso.

1 A IMPORTÂNCIA DA PALAVRA DE DEUS FRENTE À MISSÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA

A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, documento do Concílio Vaticano II, se dispôs a colocar novamente em relevo a importância das Sagradas Escrituras para a missão evangelizadora da Igreja. Acolhendo certamente os novos impulsos dos estudos bíblicos promovidos pelo movimento bíblico liderado principalmente pela Escola Bíblica de Jerusalém e o Instituto Bíblico de Roma, os padres conciliares afirmaram que a Sagrada Escritura é a “regra suprema da fé” (DV, n.21). Ou seja, a Igreja, a quem compete a interpretação e a pregação da Sagrada Escritura não pode ter outro conteúdo senão aquele que está expresso no cânon bíblico. Não se trata, aqui, de falta de liberdade, mas, sim, de correta recepção do conteúdo da Palavra e sua transmissão, de modo que a ação evangelizadora da Igreja, tendo como principal objetivo apresentar Jesus, não caia na tentação apresentar-se a si mesma ou até um outro conteúdo diverso do Evangelho.

As transformações sociais, especialmente advindas a partir da segunda metade do século XX, como o acesso aos novos nichos de *mass media*, a comunicação instantânea por meio dos aplicativos, o uso cada vez mais pujante da televisão com programação religiosa, expôs mais a Igreja e o seu modo de apresentar as Sagradas Escrituras como lugar para um encontro pessoal com Jesus e instrumento basilar para a formação do cristão e cristã através do anúncio. Recentemente, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a partir do número 135 até 144 discorrerá sobre a homilia como espaço para explicar o sentido das Escrituras a todos os ouvintes que já aqueceram o coração ao ouvir a Palavra sendo proclamada na

Liturgia. O Pontífice afirma que a homilia deve ser continuidade do diálogo de Deus com o seu Povo iniciado através da proclamação da Escritura. (EG, n. 137). A Palavra anunciada e explicada deve ser um todo que se refere à mesma pessoa, isto é, a Jesus. Não pode haver discrepância frente às mais diversas iniciativas da ação evangelizadora da Igreja entre Palavra anunciada e Palavra explicada.

Destacando ainda mais a importância da Palavra de Deus, o Papa Francisco retomou, em 2020, para toda a Igreja, a vida de São Jerônimo, em bela carta intitulada *Scripturae sacrae affectus*, visando comemorar o décimo sexto centenário da morte de Jerônimo. Nessa ocasião, o Pontífice discorre sobre a vida de Jerônimo destacando o itinerário desde seu nascimento e morte, além de sublinhar o seu percurso de formação cristã e humanista. O título da Carta Apostólica já sugere toda a linha-mestra pela qual se pode compreender a vida de Jerônimo em relação à Sagrada Escritura: com trato afetuoso, misturado com reverência e devoção, a Palavra de Deus é o centro de sua vida e espiritualidade.

Perante a Palavra de Deus, Jerônimo coloca à disposição o que tinha de melhor, isto é, sua formação cristã e intelectual. Esta última está evidenciada especialmente em humanidades. É possível afirmar que a atividade de Jerônimo se tonou como um germen do futuro esforço da Igreja em tornar mais acessíveis a leitura e os estudos da Sagrada Escritura. Ao que chamaríamos hoje de válida metodologia científica, Jerônimo foi conhecer as línguas antigas, especialmente o hebraico e o grego para rever as traduções que haviam sido realizadas para o latim, fazendo aperfeiçoamento e atualizações. Deixou para toda a Igreja seu maior legado: encontrar-se deleitosamente com o próprio Deus nas páginas escritas da história da Salvação. Além do mais incentivou a necessidade de se compreender a Sagrada Escritura como um todo, desde o Antigo até o Novo Testamento, sem rupturas, mas como continuidade, uma vez que se trata da Palavra e ação de um único Deus, revelado como Trindade.

Comumente se pode encontrar nos escritos do Magistério sobre as Sagradas Escrituras a sua clássica definição como sendo conteúdo revelado, ou seja, ato próprio de Deus de se comunicar. No entanto, não podemos considerar que se trata apenas de uma mensagem, mas, sim, de um conteúdo. A própria *Dei Verbum* afirma que a transmissão da revelação de Deus está em autocomunicar-se, apresentando-se à pessoa humana, apontando a todos o caminho da salvação. Essa transmissão é gradual, processual e contextualizada. A Sagrada Escritura está imbuída de seu caráter histórico, pois para a autocomunicação de Deus foi preciso a hermenêutica idiomática, como mediação. A linguagem humana, que, no caso se tratou de ser o hebraico, aramaico e grego, marcada pelo seu tempo, espaço, contingências, continua sendo usada na contemporaneidade pela mesma linguagem idiomática, só que, em português, francês, espanhol e outras.

A distância histórica e a contingência da linguagem não esvaziam a importância da Sagrada Escritura, pois o conteúdo apresentado é a pessoa do próprio Deus, que nunca muda. O conteúdo é imutável frente à sua propagação nas mais diversas culturas. Monsenhor Aguer, Arcebispo emérito de La Plata, Argentina, em refletindo sobre a Igreja na América e sua

missão de anunciar a Jesus nas mais diversas culturas, afirma que a união global de interesses, tão amplamente conhecida por globalização, expressa uma unidade e força do mundo iminente. No entanto, a mundanidade não determina a força da Palavra. O que pode, assim, ser determinado, através de discernimento como de levar a Palavra de Deus através de adequadas iniciativas pastorais (AGUER, 2001, p. 273). Entende-se, então, que a Palavra é instrumento pressuposto para a missão evangelizadora e essa missão está a serviço da Palavra, jamais o contrário.

Quem lê atentamente o documento final da Conferência Episcopal Latina Americana e Caribenha, realizada em Puebla, em 1979, pode perceber uma nítida recepção às proposições conciliares sobre a importância da Palavra de Deus na evangelização. O documento assegura categoricamente que é Jesus o conteúdo da Evangelização (PUEBLA, 1979, p. 123) e que deve ser levada a todos os povos através da pregação da Boa-Nova. Não se trata de qualquer palavra, mas da Palavra de Deus. O verbete bíblico hebraico utilizado para expressar a comunicação reveladora de Deus é *dabar*. Essa palavra é mais do que uma locução nominal de um pensamento, é uma representação dinâmica da força de Deus significando também alguma coisa ou feito (HARRINGTON, 1985, p. 34). A Palavra de Deus é preenchida de poder e eficácia, o que já não pode ser dito da palavra humana com todos os seus limites e subjetivismos. Numa sociedade de sofrimento e exclusão, típica das sociedades latino-americanas, a Palavra de Deus é esperança, pois é poder e eficácia (GAUDETTE, 2001, p. 74).

Essa Palavra, entendida como poder e acontecimento, tem no Novo Testamento sua aplicação no *Lógos* joanino. O Verbo que estava junto às outras Pessoas Trinitárias, agora, está presente na história. O *Lógos*, entendido como poder e eficácia, continua a autocomunicação divina, não mais pelos profetas, mas pelo próprio Deus, no caso, o Filho (Hb 1,1-2). Se no Antigo Testamento temos relatado a história do Povo de Israel com Deus, agora, no Novo Testamento, a partir da pessoa de Jesus, temos relatado a história a partir da Encarnação de Deus entre os homens e mulheres. Nesse sentido, afirma Harrington que a Palavra de Deus não é um sistema de ideias, nem mesmo de verdades abstratas, ou um corpo de doutrina. As Escrituras revelam o próprio Deus, uma pessoa viva (1985, p. 35). Sendo assim, a Sagrada Escritura é para a Igreja seu próprio Senhor que com ela se comunica e serve.

Na atividade evangelizadora da Igreja, a Palavra de Deus não é meramente mais um livro utilizado para a técnica da evangelização. A Sagrada Escritura guarda o testemunho de quem é Deus; guarda o mistério de Deus presente vivo em cada acontecimento que é lido e atualizado nos dias de hoje frente à vida das pessoas. A tarefa evangelizadora não pode concentrar-se unicamente na celebração dos Sacramentos. Essa celebração deve ser necessariamente antecedida pelo anúncio da Palavra de Deus, de modo a levar às pessoas a fé em Jesus Cristo. A vivência sacramental alimenta uma vida de fé já nutrida e originada na pregação da Palavra, como nos diz São Paulo na Carta aos Romanos, que a fé chega ao coração da pessoa pelos ouvidos (Rm 10,17).

Graças à influência do Concílio Vaticano II e de estudos e influenciadores posteriores, a Igreja tem se despertado cada vez mais para a importância da Palavra de Deus à luz de uma lógica presente na vida de Jesus: primeiro a palavra e depois as obras. Ou seja, sem a Palavra não há realização de feitos e sem Lógos não há *sarx*, carne, encarnação. A nova evangelização tão esperada por João Paulo II, explícita em sua carta apostólica *Novo Millennio Ineunte* sobre a presença da Igreja e a evangelização no novo milênio, não pode ser realizada sem a pregação da Palavra (NM, 2001, p. 17). Por mais que as páginas da Escritura versem a respeito de acontecimentos passados, elas são lidas no presente sobre a ação do Espírito Santo. A utilização da Escritura na pregação, na catequese, na animação missionária faz a perpetuação da voz de Deus junto ao seu povo no tempo presente. Deus não falou e se calou. Continua a se auto-comunicar na sua Palavra todas as vezes que a Escritura é aberta. O povo de Deus continua a procurar na bíblia a imagem de Deus vivo que age, que invade a sua vida e transforma sua história pessoal e comunitária (HARRINGTON, 1985, p. 48).

2 A FORÇA DA PALAVRA EM UMA SOCIEDADE DE NÃO ESCUTA

Frei Carlos Mesters, em sua carta aberta dirigida a Eduardo Hoornaert, por ocasião da feitura do livro *Novos desafios para o Cristianismo*, escreve que José Comblin, padre belga, radicado no Brasil, “via a importância da Palavra de Deus para o nascimento e crescimento das comunidades eclesiais”. Comblin acreditava que anunciar a Palavra de Deus era condição para a evangelização, formação e crescimento da comunidade, além de ser o instrumento inquietante frente ao testemunho profético que a Igreja precisa oferecer à sociedade como discípula de Jesus. Na parábola do semeador, encontrada nos três evangelhos sinóticos (Mt 13,1-9; Mc 4,3-9; Lc 8,4-8) e na narrativa apócrifa do Evangelho de Tomé, é possível observar a força da Palavra representada na vida da semente e na sua potência de produzir frutos quando lançada no coração generoso do homem e da mulher. Esta força da Palavra, afirma Comblin, vem do próprio Deus, ele é o garantidor da realização de sua própria Palavra (COMBLIN, 1986, p. 9).

Existe um pressuposto para conseguirmos explicitar a força da Palavra: há uma diferença entre a Palavra de Deus e a palavra da Igreja. Comblin assegura que a Palavra de Deus tem sua força e eficácia na própria atividade reveladora de Deus que se aproxima do seu receptor na procura por conduzi-lo; tanto no Antigo quanto no Novo Testamento esse receptor é o Povo de Deus. Não há discussão com a Palavra, pois se trata da manifestação dos desígnios de Deus. No entanto, a interpretação das Escrituras é palavra da Igreja, isto é palavra de homens e mulheres. Essa palavra, sim, pode ser discutida, pois se trata de interpretações a respeito da Palavra, e como a interpretação é ato produtivo humano pode incorrer em falhas, erros e ser influenciada por ideologias. Não é preciso grande pesquisa para perceber que, fenomenologicamente, a palavra da Igreja está cada vez mais colocada em descrédito na sociedade contemporânea. No entanto, não é acertado e justo fazer a mesma inferência sobre a Palavra de Deus (COMBLIN, 1986, p. 9).

A Palavra de Deus é autônoma frente a palavra da Igreja. É preciso fazer essa divisão. Sobre essa divisão, Comblin aponta que a Palavra de Deus é dirigida ao seu Povo. Trata-se de uma comunicação concreta, histórica e localizada. Já a Igreja caiu na pretensão de falar ao mundo, diluído, refratário e tantas vezes prescindindo da Palavra de Deus para apresentar-se, mostrou seu linguajar assaz jurídico, moralista, persuasivo, incompreensível e, por isso, irrelevante (COMBLIN, 1986, p. 10). A Igreja, escreve o teólogo belga, “está cheia de doutrinas, de sermões, de papéis impressos e multiplicam-se os discursos como nunca na história” (COMBLIN, 1986, p. 10). Tais atividades e instrumentos, pouco imbuídos da Sagrada Escritura, só fazem por tornar mais notável a fraqueza da Igreja em sua atividade autocomunicadora. O desafio para os tempos de hoje está em que a Igreja volte a anunciar a Palavra de Deus.

Não seria um exagero afirmar que a Igreja não consegue comunicar a Palavra de Deus aos que se sentam em seus bancos. A Igreja não fala direito com quem ouve e emudece com aqueles que não querem ouvir. Nesse sentido, com os que não querem ouvir não há nenhum tipo de comunicação e, por consequência, não podem ser evangelizados. As pessoas marcadas pela cultura do provisório e da rapidez estão cada vez menos afeitas para ouvir o que o outro precisa dizer. De certo, não se trata de um fenômeno que se passa somente com a Igreja, mas também com outros lócus institucionais, como a família, o Estado, a Escola. No entanto, a responsabilidade da Igreja em sua tarefa de comunicação é maior porque está entrelaçada à ação evangelizadora e, não só, é maior pela nobreza do que se deve comunicar: o próprio Deus (COMBLIN, 1986, p. 15).

Numa sociedade pouco disposta a escutar o outro, a Palavra de Deus, quando não anunciada, é reduzida a uma mensagem do passado. Comblin afirma que há um caminho para manter a Palavra de Deus como Boa-Nova nos nossos tempos quando ela se torna libertação, especialmente aos pobres, excluídos e injustiçados. No pobre, a Palavra de Deus tem vez e é escutada como esperança para tempos melhores. É luz para os olhos de modo a governar bem os pés nos caminhos realizados nas penumbras das “periferias existenciais” (FRANCISCO, 2015). A Palavra comunica a Deus. A Boa-Nova para os pobres, à luz do Novo Testamento, é a pessoa do próprio Deus feito carne, Jesus, a segunda Pessoa da Trindade. A Palavra de Deus é Boa-Nova enquanto aproximação de Deus na carne humana. É união entre Palavra e realidade. Comblin afirma que a Palavra se tornou pobreza e encontrou no pobre ouvidos atentos. São os pobres os destinatários (Lc 4,18) e os primeiros acolhedores da Palavra e que se tornam, pela sua própria condição, os mais contundentes evangelizadores (COMBLIN, 1986, p. 26).

A Palavra de Deus é, então, comunicada a partir do lugar do pobre. Mesmo sem serem ouvidos pela sociedade em seus clamores por vida digna, sua própria condição grita no meio da indiferença. Karl Barth (1886-1968) no desenvolvimento de sua teologia da Palavra, faz a passagem da *solo escriptura* para chegar à afirmação da Palavra de Deus apresentada através da história humana (SOUZA; GONÇALVES, 2013, p. 135). Tal história não é estática, imóvel, mas dinâmica. Sendo assim, nessa dinamicidade de receber a Palavra na história, Comblin

afirma que a vida do pobre é a chave hermenêutica para a interpretação das Escrituras no tempo presente e resistência a uma sociedade que não deseja ouvir a Palavra de Deus e não se aproxima do pobre promovendo-lhe ações geradoras de vida. Através do pobre, a Palavra continua a ser anunciada e na vida deles se torna grito e clamor por vida (COMBLIN, 1986, p. 32).

Uma das maneiras da Palavra ser ouvida numa sociedade pouco aberta à escuta está em que o pobre seja ele mesmo evangelizador. A Palavra de Deus, na boca do pobre, torna a força da Palavra mais contundente. Na vida do pobre, encontram-se condensadas as exigências do Evangelho e o testemunho. Entretanto, tornar os pobres evangelizadores ainda é uma meta a ser atingida. Se ainda não são evangelizadores é porque, infelizmente, são postos à margem da ação evangelizadora da Igreja no hoje do tempo. Profundamente crítico, Comblin diz que Israel, especialmente na figura de suas lideranças religiosas, enganou os pobres ao não resistir à dominação, subjugando-se aos poderes imperiais mundanos e tirando-lhes a Palavra. De modo paralelo, o mesmo ocorre com a ação evangelizadora da Igreja que já deixou de ter como prioridade o encontro com o pobre e, conseqüentemente, sua evangelização. É nesse sentido que Comblin afirma que a força da Palavra parece ser mais explícita na vida do pobre do que na dos ministros ordenados (COMBLIN, 1986, p. 43).

Escutar a Palavra de Deus significa não apenas ouvir através do aparelho auditivo, mas, sim, com um coração comprometido, capaz de aceitar, se comprometer com Jesus e com o Reino de Deus, que é justiça, paz e alegria (Rm 14,8). Escutar envolve comprometimento da pessoa toda frente àquilo que recebe. Através da tarefa evangelizadora, a Igreja anuncia e promove o Reino, convidando as pessoas a aceitar Jesus e a serem colaboradoras na construção do Reino. As dificuldades para essa aceitação são enormes, uma vez que o sentido de comprometimento e responsabilização na atual conjuntura é bastante comprometido. A grande diferença entre a escuta cristã e a escuta mundana é que a escuta cristã implica aceitar a Pessoa de Jesus, deixar-se influenciar e transformar-se por ela; já a escuta mundana imbuída do barulho das indiferenças, da marginalização, da degradação do fraco, não implica aceitar pessoa alguma, mas desprezar todas as pessoas e suas condições (FELIX, 2011, p. 12).

A Palavra exige conversão. É um dos princípios da força da Palavra. Não se trata de adequação da vida à Palavra, mas de deixar-se transformar pela Palavra. Quem ouve o conteúdo das Sagradas Escrituras sente-se interpelado a aproximar-se de Deus e, por consequência, do próximo. De muitos modos, a sociedade não está afeita a aproximar-se de Deus e nem mesmo do outro, uma vez que pode estar privilegiando outra palavra que não é a Palavra de Deus. A Palavra de Deus provoca, também, alteridade e sentimentos de compaixão. A voz de Deus é transformadora da pessoa em uma vida cada vez mais humana, sensível à realidade do outro. Quando se está sensível a essa Palavra, a pessoa de fé sente necessidade de estar em comunidade e de aproximar-se dos demais ouvindo a Palavra de Deus, especialmente proclamada pela boca dos sofredores (COMBLIN, 1986, p. 47).

A força da Palavra de Deus não deve ser usada para a dominação do mundo todo como desejaram tantos no tempo da cristandade. A força da Palavra deve ser utilizada para a transformação integral da pessoa de fé. Afirma Comblin que o “Evangelho não é um livro que nos permite dominar a humanidade inteira”, mas serve senão para a conversão da vida nos casos concretos, no dia a dia das pessoas perante suas mais diversas relações. A Palavra não promove a remoção da pessoa de fé de seu contexto social. Pelo contrário, a Palavra impulsiona a pessoa e a comunidade de fé para que sejam sinais da presença de Deus justamente onde estão. A Palavra não forma guetos, mas Povo; não é usada para dividir, mas para unir. A pessoa que deixar ser formada pela Palavra de Deus tem o ouvido fino para encontrar a voz de Deus na vida do pobre, posto que “o clamor dos oprimidos fica abafado pelos ruídos do mundo” (COMBLIN, 1986, p. 51).

A Palavra transforma o pobre em sujeito. Comblin mostra que na sociedade de não escuta, o pobre apenas tem a Palavra como arma e meio de ação (COMBLIN, 1961, p. 60). A palavra do pobre deve estar embebida, nutrida pela Palavra de Deus para que possa provocar espaço para ser ouvida. A voz do pobre, quando é influenciada pela Palavra de Deus, pode se tornar instrumento para a abertura dos ouvidos cerrados. Torna-se *effatha*, ou seja, apelo a abertura dos ouvidos para a escuta, para à abertura de coração para Deus e para o próximo. Quando Jesus utiliza a palavra *effatha*, a faz no contexto de sua pregação na Decápole, na região de Tiro e Sidônia, ou seja, uma região não judaica e pouco afeita ao dever do *shemá*, ou seja, à escuta (BENTO XVI, 2012). Nada diferente do contexto em que se realiza a ação evangelizadora da Igreja. É nesse sentido que a voz do pobre continua a ser a ação do *effatha* de Jesus, de apelo à escuta da Palavra que é promotora de libertação.

CONCLUSÃO

O resultado de anos de uma pregação centrada na Igreja e nos seus atributos tem feito com que a ação evangelizadora tenha caído no descrédito. A distância que se criou entre a Palavra de Deus e a palavra da Igreja fez com que o conteúdo da pregação, do anúncio se caracterizasse mais como um apresentar da instituição religiosa do que do próprio Deus. A Palavra de Deus permanece com sua força, pois é mantida por Deus; enquanto que a palavra da Igreja, já perdeu em tantos lugares seu alcance e força de persuasão. Comblin diz que não é a instituição que tem em posse o Evangelho, mas sim a comunidade. É preciso organizar a Igreja em pequenas comunidades de modo a torná-la mais evangelizadora e próxima das pessoas, sobretudo frente ao desafiante contexto presente de uma sociedade de não escuta. (COMBLIN, 1986, p. 335).

De certo, o Concílio Vaticano II não desprestigia o papel dos bispos, padres e diáconos na missão evangelizadora da Igreja. No entanto, não se pode deixar claro que eles não são os protagonistas desta ação, mas o próprio Deus. Todos esses são transmissores da Boa-Nova. Não possuem e não devem ter nenhum conteúdo novo que não seja a Palavra de Deus. Privilegiadamente, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, Deus fala pela boca do pobre. Sinal disso é que na plenitude dos tempos falou-se por Jesus, o pobre de

Nazaré. Os pobres são animadores da Palavra porque ela é esperança para eles. São os portadores da Palavra (COMBLIN, 1986, p. 336).

Numa sociedade tão pouco afeita a escuta, afirma Comblin que a teologia não pode impor ao povo e aos que não tem fé, uma linguagem formal e incompreensível (COMBLIN, 1986, p. 338). Falar ao mundo requer admitir que se fala aos outros. A grande dificuldade está justamente nesse pressuposto, pois as sociedades “tendem-se a fechar-se sobre si próprias” (COMBLIN, 1986, P. 339). Se não são capazes de ouvir o pobre, que se lhes constanja o coração ver a situação de miséria do pobre. Quanto mais causa impacto uma mão que se abre para pedir, do que uma voz fraca, humilhada que suplica. A Palavra de Deus continua com sua força na vida do pobre que a recebe com alegria e esperança de tempos melhores.

Enfim, afirma o teólogo belga que a ação evangelizadora da Igreja encontra sua força em Deus, assim como também a Palavra encontra sua força em Deus. O conteúdo da pregação deve ser o próprio Deus que desde o início das Sagradas Escrituras, mostra seu agir libertador frente aos pobres. A ação de Deus se mistura com sua Palavra. A Palavra é vida e movimento. Jesus foi essa Palavra que provocou ação: perdão, acolhimento, aproximação, libertação (COMBLIN, 1986, p. 348). Assumir que a evangelização é uma tarefa difícil pode ser um primeiro caminho para torná-la mais eficaz. Desde os primeiros tempos da Igreja, evangelizar é um risco: perder vidas, até a própria vida. Nesse sentido, nada é mais importante do que cumprir o mandato missionário, de a todos anunciar a Boa-Nova. A ação evangelizadora tem sua força, portanto, na Palavra de Deus e na vida do pobre.

REFERÊNCIAS

LIVROS:

COMBLIN, José. *A força da Palavra*. No princípio havia a palavra. Petrópolis: Vozes, 1986.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA E CARIBENHA (CELAN). Documento final da Conferência de Puebla, São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

HARRINGTON, Wilfrid. *Chave para a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1985.

SOUZA, Ney de; GONÇALVES, Paulo Sérgio. *Catolicismo e sociedade contemporânea. Do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2013.

CAPÍTULOS DE LIVRO:

AGUER, Héctor Rubén. *El fenómeno de la globalización*. In: PONTIFICIA COMISSIO PRO AMERICA LATINA. Iglesia en América. Al encuentro de Jesus Cristo vivo. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2001, pp. 271-277.

GAUDETTE, Pierre. *Fondaments théologiques dans la transmission de la Bonne Nouvelle pour incultures l'Évangile et évangéliser les cultures*. In: PONTIFICO CONSEJO DE LA CULTURA. La cultura em el Horizonte de la Transmisión del Evangelio. Puebla: Comisión Episcopal Cultura, 2001, pp. 79-94.

MESTERS, Carlos. Carta aberta. In: *Novos desafios para o cristianismo. A contribuição de José Comblin*. São Paulo: Paulus, 2012, pp.15-22

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS:

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*, 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_1dei-verbun_po.html. Acesso em 25 de abril de 2021.

BENTO XI, Papa. *Mensagem para os fiéis peregrinos frente à residência papal em Castel Gandolfo*, 2012. Disponível em: <https://pt.zenit.org/articles/a-palavra-effata-resume-a-mensagem-e-toda-a-obra-de-cris-to/>. Acesso em 25 de abril de 2021.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/evangelii-gaudium.html>. Acesso em 25 de abril de 2021.

FRANCISCO, Papa. *Carta Apostólica Scripturae sacrae affectus*, 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20200930_scripturae-sacrae-affectus.html. Acesso em 29 de abril de 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação Apostólica pós-sinodal Ecclesia in America*, 1999. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/ecclesia-in-america.html. Acesso em 25 de abril de 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Novo Millenio Ineunte*, 2001. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apnovo-millennio-ineunte.html. Acesso em 25 de abril de 2021.

ARTIGO:

FÉLIX, Élcio Rubens. A importância da escuta para a fé cristã. In: *Revista de Teologia e Filosofia Contemplação*. n. 03. Cachoeira Paulista, 2011. Disponível: <http://www.fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/17>.